

O materialismo prático-transcendental de Marx e o pragmatismo como terreno destrancendentalizado*

José Crisóstomo de Souza**

Tomo aqui o pragmatismo como uma posição no interior de um conjunto de posições aparentadas, características da filosofia contemporânea. Isto é, como um caso interessante de virada pós-metafísica, de transformação anti-cartesiana, anti-solipsista, não-fundacionista, da filosofia. Ou ainda, para não ficar apenas em expressões negativas, como um tipo de virada prática e social da filosofia, conciliada com o tempo, o devir e a contingência no mundo. Uma das especificidades desse pragmatismo com relação a posições “pós-metafísicas” concorrentes, dos nossos dias, é justamente o seu caráter francamente construtivo, razoável, além de, por suposto, prático – ceterior, *diesseitig*, destrancendentalizante. Nem por isso, entretanto, um ponto de vista desprovido de potencial normativo, crítico, aparecendo como relativista, subjetivista e utilitarista estreito tão-somente para mau entendedor. Nessa linha, quando falo em pragmatismo, penso nas suas expressões que de um modo ou de outro permitem articular conhecimento e ação a sensibilidade social e comunidade democrática, um *Leitmotiv* do que apresento aqui ao modo de ensaio.

O que chamo de pragmatismo de Marx (1818-1883) são posições expressas, de modo muito condensado, principalmente nas “Teses *ad* Feuerbach” (1845), onde ele trata de modificar, por

* Este texto é apenas a introdução a um trabalho mais extenso, ainda em elaboração, de leitura e crítica pragmatista das Teses *ad* Feuerbach, de Karl Marx.

** Professor Titular do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia Contemporânea da UFBA.

uma acentuação prático-ativista, social-comunista, o humanismo/materialismo feuerbachiano - que também guarda afinidades com o pragmatismo.¹ São posições, as de Marx, já aí comprometidas, porém, com elementos não-pragmatistas que eu chamaria de platônicos e transcendentalizantes, além de cartesianos e subjetivistas, que infelizmente teriam acabado por acentuar-se e prevalecer na sua obra. Elementos que podem ter acarretado consequências menos boas para as práticas nela inspiradas (pelo menos como avaliadas desde esse nosso começo de séc. XXI), mais especificamente para a democracia como a comunidade que queremos.²

Sendo assim, meu tratamento, ainda exploratório, quer ser, a um só tempo, de interpretação, recuperação e crítica das formulações marxianas que trago à discussão, que se constituem num germe filosófico contraditório, além de, por suposto, não desenvolvido,³ formulações das quais Marx teria se afastado, para longe de valiosos *insights* dos começos do seu não-contemplativo materialismo prático-histórico. E digo valiosos porque, de outro lado, não obstante perdidos por Marx e pelo marxismo, poderiam apresentar vantagens com relação a algumas das posições filosóficas que se reivindicam ou são reconhecidas como pragmatistas. Isto é, com relação a formulações do pragmatismo clássico, mas principalmente com respeito a algumas de suas expressões mais recentes (v.g. Habermas, Rorty). E acredito que o mesmo pode valer para formulações semi-pragmatistas de autores como Quine ou Wittgenstein, aparentemente enredadas, seja numa

1. A filosofia de Feuerbach é um humanismo, não apenas em sentido ético (enquanto voltado ao altruísmo), mas também por pretender superar os vícios da filosofia anterior por uma redução ao "humano" - o humano sensível, afetivo, comunitário. O teuto-britânico Ferdinand Schiller (1864-1937), um dos pais-fundadores do pragmatismo, também caracterizou sua filosofia como humanismo, invocando a conhecida máxima protagoriana de que o homem é a medida de todas as coisas, enquanto William James repetia que "o rastro da serpente humana está em todas as coisas".

2. As Teses *ad* Feuerbach aparecem aqui traduzidas por mim do original alemão, "Thesen über Feuerbach", publicado em *Karl Marx & Friedrich Engels, Werke*, v. 3, Berlim: Dietz Verlag, 1958. O texto original de Marx aparece na p. 5 do volume, e a versão modificada por Engels, na p. 533.

3. Não obstante isso, é nas Teses que se encontra, para Engels, o embrião de toda a "genial" concepção madura de Marx.

certa idéia de ciência natural como paradigma de conhecimento, seja numa “lingüísticação” do ponto de vista prático, seja nas duas coisas.⁴

Na verdade, o que tenho em vista aqui é o esboço de uma posição pragmatista alternativa e contemporânea, democrática, e me concentro no exame das Teses *ad* Feuerbach em razão de seu caráter sintético, filosoficamente programático, de suas qualidades de germe e cerne, como um conjunto de elementos suscetíveis de interpretação e desenvolvimento. Sobretudo por tais elementos constituírem-se, nessa forma, num poderoso entrelaçamento, numa só concepção, de formulações básicas sobre conhecimento, ação, realidade, subjetividade e normatividade (ou idealidade), sendo isso na minha opinião tudo o que uma boa e típica posição pragmatista (ou mesmo uma boa posição filosófica) deve elaborar e oferecer. Como me parece, o que de melhor se pode derivar de Marx hoje em dia é um tipo de pragmatismo continental, rótulo com o qual eu poderia identificar meu próprio ponto de vista, ainda que isso não me ponha necessariamente mais perto de Marx do que, p. ex., de John Dewey (1859-1952).⁵ É também meu pressuposto que o pragmatismo pode ser tomado hoje em dia não apenas como uma determinada corrente ou tradição norte-americana, mas também como um “terreno” (do qual trato justamente de aproximar Marx), de interlocução e elaboração filosóficas contemporâneas. Não só porque os próprios pragmatistas clássicos (Peirce, James, Schiller, Dewey e Mead) apresentaram-se de saída como consideravelmente diferentes entre si (“*uma casa dividida contra si mesma*”, dizia Peirce), como também porque assim se apresentam

4. Apesar de sua consideração pela ciência experimentalista, não creio que o pragmatismo, como tradição, deva ser caracterizado de “cientificista” (nem circunscrito como “epistemologia”), ao modo do neo-positivismo ou do empirismo lógico, nem, por outro lado, deva ser “tragado” pela virada lingüística derivada do campo desses últimos.

5. Sidney Hook, discípulo dileto de Dewey, pretendeu desenvolver uma interpretação pragmatista de Marx, em *Towards the Understanding of Karl Marx* (New York: John Day Company, 1933), mas o livro não parece dar conta da tarefa. Sobre essa tentativa, ver meu “Karl Marx como John Dewey: O Marxismo Pragmatista de Sidney Hook” (*Veritas*, 2004, p. 49).

seus mais recentes “filiados” (como Rorty, Putnam, Wellmer ou Habermas), na interlocução que mantêm uns com os outros e com aquela herança comum. O pragmatismo poderia então ser considerado como um terreno para o qual têm convergido – justamente por uma virada pragmatista - expressões relevantes da elaboração filosófica contemporânea, de diversa procedência, em confronto e diálogo, como um verdadeiro *work in progress*, em um campo vivo e aberto.⁶ (O que, aliás, me parece o modo contemporâneo de fazer filosofia; não mais a constituição de sistemas como macro-pronunciamentos acabados, de indivíduos-mônadas sobre-humanos, falando de um lugar de onde não falam os outros homens.)

Para agregar respaldo ao que digo posso invocar alguns testemunhos respeitáveis, em rápidas pinceladas, cedendo momentaneamente ao que Peirce (1839-1914) chamaria de método de autoridade. Com efeito, Jürgen Habermas, que procede do marxismo e da filosofia clássica alemã, entende que o pragmatismo é nos nossos dias uma “*ponte transatlântica [entre a Europa e a América] para um vivo intercâmbio intelectual.*” Segundo ele (que já se considera em posição de corrigir, de um ponto de vista mais pragmatista, o neo-pragmatismo de Rorty),⁷ é no pragmatismo que desembocam hoje nada menos que os processos conjugados de autocrítica de kantismo e hegelianismo.⁸

6. O pragmatismo de Habermas é assumido expressamente em *Verdade e Justificação* (São Paulo: Edições Loyola, 1999). Quanto a Albrecht Wellmer, ver seu *The Debate about Truth: Pragmatism without Regulative Ideas*, na coletânea intitulada *The Pragmatic Turn in Philosophy* (Egginton & Sandbothe, eds. Albany: State Univ. of N.Y. Press, 2004). Registrando a mesma virada pragmatista, ver, de R. Bernstein, *The Pragmatic Turn* (Cambridge: Polity Press, 2010). Quanto a Putnam, ver seu *Pragmatism, An Open Question* (Cambridge: Blackwell, 1995). Minha alusão ao pragmatismo como “terreno” pode ser ainda interpretada como referência ao seu caráter ceterior, de transcendentalizado - sua terrenalidade.

7. “O verdadeiro herdeiro do pragmatismo é Habermas” (em comparação com Rorty), conclui Claude Piché, em “A passagem do conceito epistêmico ao conceito pragmatista de verdade em Habermas”, in ARAÚJO, L. (org.), *A Filosofia Prática e a Modernidade*. Rio de Janeiro: UERJ, 2003. p. 25. Sobre isso, ver também ABOULAFIA, BOOKMAN, KEMP. *Habermas and Pragmatism*, (eds.), Londres: Routledge, 2002.

8. Esse é o entendimento de Habermas em “A Filosofia como guardador de lugar e como intérprete” (HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1989). O pragmatismo, acredito, é onde bem poderia desaguar igualmente a auto-crítica do marxismo – aliás, é uma versão disso que o próprio Habermas representa.

O que não deverias soar tão estranho, pois o pragmatismo, como Habermas entende (e como eu entendo), deita suas raízes também “*no idealismo alemão e no próprio Marx,*” podendo em certos casos ser considerado “*uma variante democrática do jovem hegelianismo e da filosofia da práxis.*” Observe-se, com relação a isso, que Peirce, ao tempo em que reconhece suas posteriores convergências com Hegel, admite “*ter chegado à filosofia através da porta de Kant,*” enquanto Dewey e Mead formaram-se inicialmente como hegelianos, e William James em contato direto com o ambiente filosófico da Alemanha e da França do seu tempo.⁹

Do lado da filosofia analítica, Hylary Putnam, em convergência com Habermas, tem compreendido o pragmatismo como “*uma questão em aberto,*” como “*um modo de pensar de duradoura importância,*” e, finalmente, “*uma opção para o pensamento filosófico de hoje.*” Antes dele, Willard Van Quine, outro analítico que contribuiu para a virada “*anti-dogmática*” do empirismo numa direção pragmatista, tratou de acolher o que seriam seus dois melhores achados: 1) que o significado de uma asserção é a disposição de agir de acordo com ela, e 2) que a verdade é, pelo menos em certa medida, criada, e não simplesmente descoberta, pelos homens. Enquanto Putnam, com quem Habermas partilha um pragmatismo kantianizado, adota expressamente, da tradição pragmatista, entre outras coisas, a rejeição dos dualismos tradicionais da filosofia moderna, em favor da ideia de “*interpenetração de fato, teoria, valor e interpretação,*” que corroeria tanto o “*realismo metafísico*” como os “*pós-modernismos*” e “*anti-realismos da moda.*” Por fim, Habermas (que admite sua filiação e de Karl-Otto Apel a Charles Peirce) ainda caracteriza apropriadamente o pragmatismo, não só como uma via cosmopolita, contemporânea, de “*destranscendentalização*” e de

9. O que não exclui a influência britânica, empirista e utilitarista (socialmente progressista), de Alexander Bain e Stuart Mill. De outro lado, o pragmatismo de Ferdinand Schiller traz a marca de um parentesco nietzschiano, como atesta G. Stack em “*Nietzsche’s influence on pragmatic humanism*” (*Journal for the History of Philosophy*, v. 20, n° 4, out., 1982)

superação da “filosofia da consciência” e da “razão centrada no sujeito,” como também pela “*atitude anti-elitista e democrática, igualitária, [que] penetra o trabalho de todos os pragmatistas*”.¹⁰ Com o que já temos aqui elementos de uma noção do que pode ser pragmatismo e para um diálogo crítico com o ponto de vista das Teses.

Voltemos, pois, ao que nos concerne mais diretamente. O que dizem afinal as Teses *ad* Feuerbach? O que tomamos como seu eixo? Onde está seu pragmatismo? Bem, numa palavra: aquilo que Marx, como bom pragmatista, faz nas Teses é, ao seu modo, introduzir o agir (bem como propósitos e avaliações humanos) “dentro” do conhecer e do ser, construindo uma relação prática entre real e ideal. Para começar, nosso socialista científico, quando constrói seu materialismo prático-normativo (prático-crítico), e supostamente trata de falar não escolástica ou metafisicamente, mas praticamente, de realidade e conhecimento, não faz nas Teses alusão expressa a “ciência” ou “científico” (não, em todo caso, em sentido “positivista”), nem parece de início inclinado a apresentar as coisas como seriam em si mesmas, segundo uma concepção tradicional de objetividade.¹¹ Ele insiste, em vez disso, em noções como prática e atividade humana sensível, além de perspectiva ou posição (*Standpunkt*, ponto-de-vista) e interpretação. Outro traço que sugere que o materialismo prático das Teses procura, como boa parte dos pragmatismos, fugir do ponto de vista

10. Para as afirmações de Habermas - e outras do gênero - ver “Filosofia, Pragmatismo e Democracia” (p. 38 ss.), introdução ao meu *Filosofia, Racionalidade, Democracia* (São Paulo: Unesp, 2005). Para as de Putnam, ver o prefácio de seu *Pragmatism: An Open Question*. Sobre o que diz Quine, ver p. ex. DE WAAL, C. *On Pragmatism*. Belmont: Wadsworth, 2005, p. 148-9. A influência de Kant e a convergência com Hegel são reconhecidas por Peirce em suas “Conferências sobre Pragmatismo” (pref., p. 8, conf. I, p. 15), em *Peirce & Frege* (Os Pensadores), São Paulo: Abril Cultural, 1983. O “pragmatismo kantiano” de Habermas está por todo seu *Verdade e Justificação* (São Paulo: Loyola, 2004).

11. Marx tem pela ciência apreço semelhante ao do pragmatismo, mas a noção de ciência predominante no marxismo tendeu antes para um “positivismo” magnificado (com recursos do idealismo transcendental alemão), do que para aquela hipotética, experimentalista, falibilista, de Peirce, Dewey ou James. Em “As Três Espécies de Excelência” (*op. cit.*, p. 39), Peirce acentua que “*todas as idéias da ciência vêm através da abdução, [que] consiste em estudar os fatos e inventar uma teoria para explicá-los; sua única justificação é que, se for para entender as coisas, deve-se fazer assim.*” Peirce chega a dizer que a “abdução” é “*a questão do pragmatismo*” (p. 57).

realista-empirista tradicional, é também seu recurso reiterado a expressões como “apreender” ou “captar” (*fassen*), “conceber” (*begreifen*), “considerar” (*betrachten*), além de “entender” (*verstehen*), “interpretar” (*interpretieren*) e “querer” (*will*). Pois, embora isso por si não caracterize bem uma perspectiva prático-ativa, sublinha um papel ativo para o sujeito que conhece, ainda que seja dele apenas como mente ou consciência - e sujeito individual. Por fim, nas Teses, Marx, tal como vários pragmatistas, parece aproximar fato e valor, realidade e normatividade, descrição e prescrição, ser e dever ser, recusando quanto a isso o dualismo rígido de parte da filosofia anterior.

Proponho, então, que as Teses (bem como todo um lado do materialismo histórico-normativo de Marx, formulado inicialmente na *Ideologia Alemã*)¹² sejam lidas como compreendendo basicamente cinco momentos que se interpenetram: 1) a recusa do empirismo dogmático, intuícionista-passivo, mentalista-cartesiano, bem como do idealismo subjetivo, para Marx tão abstrato quanto impotente; 2) uma superação da concepção do mundo e do sujeito como basicamente estáticos, inapelavelmente “exteriores” um ao outro, e, logo, o abandono do “ponto-de-vista do espectador” e de fixação objetivista-representacionista do real; 3) uma forte desqualificação do indivíduo isolado e abstrato da percepção empirista, a “ficção” do indivíduo dissociado do “conjunto das relações sociais” e de ‘*uma forma social determinada*’ (aquilo que Marx alhures chama de “robinsonada”).¹³ Esses três primeiros pontos devendo servir a 4) uma Crítica, totalizante, do real social como, para Marx, ao mesmo tempo viciosamente cindido

12. Embora eu aqui centre meu trabalho nas Teses (1845), farei esporádicas referências complementares à *Ideologia Alemã* (1845-46), de Marx em colaboração com Engels, além do *Manifesto Comunista* e de *O Capital*.

13. Marx parece deplorar a robinsonada como vício no modo de ver os homens em sociedade enquanto conhecidos, mas não enquanto conhecedores – pelo menos não no seu caso. Ele vai entender que, *O Capital* é o movimento do real refletido na sua mente individual. A arguição desse ponto, entretanto, nos levaria muito além das Teses e dos objetivos do presente texto, que se tornaria demasiado extenso.

e lamentavelmente atomizado, pelas “más” relações sociais nele imperantes, que acarretam além disso o desdobramento do mundo também no plano ideal, na religião como na filosofia. Sendo essa Crítica, por sua vez, sustentada por 5) uma dedução/construção de um fundamento forte, que determina a supressão prática da Contradição e a restauração (reconciliação) material de uma verdadeira Unidade social - como fim da “auto-alienação” do homem. Pois tudo isso as Teses fazem abrindo caminho, para além do ponto-de-vista empirista-individualista-liberal, da Sociedade Civil, para o ponto-de-vista, comunista, da Sociedade Humana, comunista, e para a necessidade e o imperativo de sua realização. Isso tudo atravessado por uma questão, digamos, de epistemologia política, de congruência de pontos-de-vista epistemológicos com pontos-de-vista políticos e sociais, que faz pensar no que seria, então, uma epistemologia democrática, em relação a suas concorrentes – avessas ao político - comunista e liberal. Podemos arrematar dizendo que a preocupação central de Marx nas Teses é com a comunidade dos homens e não com a comunidade de conhecimento e investigação - mas quem disse que essa não é também a preocupação de outros pragmatistas?

Com relação a essa leitura pragmatista das Teses, fique claro que não se trata de medi-las com um metro exterior, previamente fixado. Mesmo porque, está visto, não concebo o pragmatismo como um pensamento uniforme, nem vou enveredar pela a abstração de um núcleo mínimo comum seu, como sua *essência*. Prefiro, quanto a isso, invocar uma wittgensteiniana *semelhança de família*, que tentarei estender a Marx: aquela decorrente de fontes e motivos comuns, além de eventuais cruzamentos históricos, que permite que organizadores de coletâneas e introduções ao pragmatismo saibam,

mesmo com alguma variação, quem nelas incluir.¹⁴ Nesse sentido, uma leitura pragmatista das Teses invocaria um ponto de vista pragmatista que iria adquirindo contornos na sua própria exposição, num duplo movimento de aproximação e crítica, no qual autores pragmatistas e suas formulações poderão ser invocados de modo ilustrativo, sem que isso signifique que estou operando ecleticamente, por sobreposição.

Não obstante isso, como ajuda adicional ao leitor não especializado, agrego ao que já foi dito o que pode ser considerado algo como um *ground zero* do pragmatismo. Para começar, a definição de *crença*, do escocês Alexander Bain, como - bem sucedido - hábito de ação, como um juízo “*com base no qual se está disposto a agir*” - juízo prático, portanto. Pois tal definição aparece como artigo de fé invocado com igual aprovação por uma variedade de pragmatistas, desde Rorty, num extremo, a Peirce, no outro; uma definição da qual, ademais, este último diz ser o pragmatismo “*pouco mais do que um corolário.*” O que nos conduz à chamada máxima do pragmatismo, do próprio Peirce, segundo a qual, bem entendida, a concepção de um objeto é a dos seus “*efeitos de alcance prático.*” Pois boa parte do desenvolvimento da tradição pragmatista pode ser compreendida como envolvendo derivações e variações dessa máxima (com diferentes versões já em Peirce), que, como “*corolário*” da definição de Bain, implica em “*traduzir*” nossas concepções, tanto em termos do comportamento das coisas em relação a nós como do nosso em relação a elas – enquanto dois lados de uma mesma moeda. Por sobre isso, enfim, há ainda, não apenas a implicação recíproca de conhecimento, ação e propósitos humanos, como duas outras, relacionadas, mais difíceis de esclarecer aqui em poucas palavras: a de conhecimento com interpretação e

14. A título de bons exemplos, ver, além da introdução já indicada, de De Waal, também a de Jean-Paul Commetti (*Filosofia sem Privilégios*. Porto: Edições Asa, 1995), a de J. Murphy (*Pragmatism from Peirce to Davidson*. San Francisco: Westview Press, 1990), e a coletânea de Rosenthal, Hausman e Anderson (eds.), *Classical American Pragmatism: Its Contemporary Vitality*, Chicago: Univ. of Illinois Press, 1999.

intersubjetividade, e a de ação e conhecimento com normatividade.¹⁵ Tudo isso pode ser encontrado em Marx, enquadrado, entretanto, no que eu denominaria – como marca do conjunto da sua obra - de materialismo prático fortemente transcendentalizado.

Referências bibliográficas

- ABOULAFIA, Michael et alii (orgs.). *Habermas and Pragmatism*. Londres: Routledge, 2002.
- BERNSTEIN, Richard. *The Pragmatic Turn*. Cambridge: Polity Press, 2010.
- COMETTI, Jean-Paul. *Filosofia sem Privilégios*. Porto: Edições Asa, 1995.
- DE WAAL, C. *On Pragmatism*. Belmont: Wadsworth, 2005.
- HABERMAS, Jürgen. “A Filosofia como guardador de lugar e como intérprete”. In HABERMAS, J. *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HABERMAS, Jürgen. *Verdade e Justificação*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- HOOK, Sidney. *Towards the Understanding of Karl Marx*. New York: John Day Company, 1933.
- MARX, Karl. “Thesen über Feuerbach”. In *Karl Marx & Friedrich Engels, Werke*, v. 3, Berlim: Dietz Verlag, 1958
- MURPHY, J. *Pragmatism from Peirce to Davidson*. San Francisco: Westview Press, 1990.

15. As caracterizações do pragmatismo têm frequentemente incluído o recurso a sugestivas imagens, mesmo quando a preocupação é defendê-lo como científico. De Waal (*op. cit.*, p. 175 ss) fala dele como “uma doutrina inquieta,” que “nega apaixonadamente que possamos ser meros espectadores,” como uma filosofia com a “mentalidade pioneira” do Novo Mundo, onde “as velhas regras não mais funcionavam,” com a mentalidade de que “nós fazemos nosso mundo,” ainda que sempre de modo “realista”. Marx, na *Ideologia Alemã*, declara que os Estados Unidos foram constituídos “pelos indivíduos mais avançados do Velho Mundo” e “pelos formas mais avançadas de interação”. Teria ele nas Teses buscado um espírito “novo mundo” para seu ativista materialismo prático?

- PICHÉ, Claude. “A passagem do conceito epistêmico ao conceito pragmatista de verdade em Habermas”. In ARAÚJO, L. (org.), *A Filosofia Prática e a Modernidade*. Rio de Janeiro: UERJ, 2003.
- PEIRCE, Charles. “Conferências sobre Pragmatismo”. In *Peirce & Frege* (Col. Os Pensadores), São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- PUTNAM, Hilary. *Pragmatism, An Open Question*. Cambridge: Blackwell, 1995.
- ROSENTHAL, Hausman e Anderson (eds.). *Classical American Pragmatism: Its Contemporary Vitality*. Chicago: University of Illinois Press, 1999.
- SOUZA, J. Crisóstomo. “Filosofia, Pragmatismo e Democracia”. In SOUZA, J.C. (org), *Filosofia, Racionalidade, Democracia*. São Paulo: Unesp, 2005.
- SOUZA, J. Crisóstomo. “Karl Marx como John Dewey: O Marxismo Pragmatista de Sidney Hook. *Veritas*, 2004
- STACK, G. “Nietzsche’s influence on pragmatic humanism”. *Journal for the History of Philosophy*, v. 20, n° 4, out., 1982.
- WELLMER, Albrecht. “The Debate about Truth: Pragmatism without Regulative Ideas”. In EGGINTON, SANDBOTHE (eds.). Albany: State University of New York Press, 2004.